BATRACOMIOMAQUIA

A batalha dos ratos e das rãs

BATRACOMIOMAQUIA

Introdução, poema e notas

Tradução para o português a partir da edição espanhola
de Alberto Bernabé Pajares (Editorial Gredos, 1978)

INTRODUÇÃO

1. O problema da datação e das interpolações

Quanto ao autor desta graciosa paródia da épica, chegaram-nos da Antiguidade duas versões. De um lado, numerosas fontes a incluem na produção do próprio Homero, juntamente com os Hinos e uma série de outros poemas épicos menores. De outro[1], a obra é atribuída a um cário chamado Pigres. Como variante dessa versão, podem-se citar as linhas finais de um dos manuscritos que a recolhem: "alguns dizem que é de Pigres, o Cário". Essa segunda interpretação ainda é seguida por Ludwich, principal estudioso da Batracomiomaquia[2], que identifica esse Pigres com um personagem bem conhecido da época das Guerras Médicas, o que dataria a pequena obra no século V a.C.

Por sua vez, com base em modelos egípcios, Morenz[3] propõe uma datação mais antiga, o século VI a.C.

Entretanto, uma análise linguística do texto mostra que sua datação não pode remontar a época tão antiga. Nesse sentido, deve-se citar primeiro um artigo de Van Herwerden[4], seguido pela crítica demolidora da verossimilhança da atribuição a Pigres, feita em dois trabalhos de Crusius[5]. Esse autor faz remontar a fonte da tradição que atribui a paternidade da Batracomiomaquia a Pigres a um historiador chamado Ptolomeu Queno, pouco escrupuloso e dado a acrescentar de sua própria lavra todos os dados que não lhe eram acessíveis. Na mesma linha se pronuncia Wackernagel[6], rejeitando a possibilidade de que a Batracomiomaquia tenha sido composta antes da época helenística.

A argumentação mais recente e mais convincente sobre o tema é a de Ahlborn[7]. Os dados linguísticos, minuciosamente avaliados por ele, apontam para o século I a.C. e para um autor da região de Alexandria. Por outro lado, o testemunho mais antigo do poema que podemos considerar seguro é a citação de Marcial, por volta de 85 d.C.:

> *Perlege Maeonio cantatas carmine ranas*
> *et frontem nugis soluere disce meis,*[8]
>
> *"Lê até o fim as rãs cantadas em verso meônio e aprende a desanuviar a fronte com minhas bagatelas."*

Isso, apesar da falsa atribuição a Homero - o poeta considerado meônio na Antiguidade -, indica que tampouco podemos situar a composição da Batracomiomaquia em época mais recente.

---

1 PLUTARCO, Moralia 873f; SUDA, s.v. Pigres.

2 A. LUDWICH, Die Homerische Batrachomachie des Karers Pigres, Leipzig, 1896.

3 S. MORENZ, "Ägyptische Tierkriege und die Batrachomyomachie", Festschrift Schweitzer, Stuttgart, 1954, p. 87-94.

4 J. VAN HERWERDEN, "De Batrachomyomachia", Mnemosyne, N. S. 10 (1872), 163-174.

5 O. CRUSIUS, "Der Dichter Pigres und seine Genossen", Philologus 54 (1895), 734-744; e "Pigres und die Batrachomyomachie bei Plutarch", Philologus 58 (1899), 577-793.

6 J. WACKERNAGEL, Sprachliche Untersuchungen zu Homer, Göttingen, 1916, III, p. 190-191.

7 H. AHLBORN, primeiro em Untersuchungen zur pseudo-homerischen Batrachomyomachie, dissertação, Göttingen, 1959; depois em Pseudo-Homer, Der Froschmäusekrieg, Berlim, 1968. Não se considera, por ser insuficientemente fundamentada, a hipótese de L. HERMANN, "Recherches sur Babrius", Ant. Class. 18 (1949), 358-367, e "Nouvelles recherches sur Babrius", Ant. Class. 35 (1966), 435-458, segundo a qual Bábrio seria o autor do poema.

8 MARCIAL, XIV, 183.

Ahlborn também rejeita os dois principais argumentos que, à parte os dados linguísticos e em flagrante contradição com eles, eram invocados para sustentar uma datação anterior. O primeiro é um relevo de Arquelau de Priene, a Alegoria de Homero, que apresenta o poeta rodeado pelas Musas e ladeado por duas alegorias, uma da Ilíada e outra da Odisseia. A seus pés aparecem duas figuras animais, uma hoje irreconhecível e outra um rato. Ahlborn observa, de um lado, que talvez não se trate de uma alusão à Batracomiomaquia, mas de dois ratos simbolizando a crítica, como se acreditava até o século XIX; de outro, mesmo que se trate de uma rã e um rato e, portanto, de uma referência à Batracomiomaquia, tampouco é segura a época em que Arquelau viveu, pois a crítica oscila entre situá-lo no século III a.C. e no século I d.C. O segundo argumento em favor de uma datação anterior era o fato de que, no século I d.C., a obra já era considerada de Homero, o que pressuporia uma composição suficientemente antiga para produzir essa confusão. Ahlborn, porém, argumenta que nada há de estranho em a obra ter sido divulgada desde o início sob o pseudônimo de Homero, procedimento que encontra vários paralelos recentes.

Ora, se a composição do poema épico-burlesco deve ser situada no século I a.C., é preciso acrescentar que, posteriormente, foram-lhe adicionadas interpolações de versos isolados ou de episódios inteiros. As interpolações podem ser detectadas por características de estilo, léxico e outros indícios, ou porque faltam nos manuscritos considerados mais confiáveis. Nesta tradução, os trechos assinalados entre colchetes correspondem aos interpolados segundo o critério de Ahlborn.

2. A contribuição da fábula

Os personagens da Batracomiomaquia, rãs e ratos falantes, são próprios da fábula, gênero praticamente ausente da tradição épica, salvo por uma fábula que aparece em Hesíodo[9] e por alguns vestígios em Homero, especialmente nas comparações. Mas não é apenas o caráter dos personagens que, nessa composição, pertence à fábula: o próprio tema do encontro entre a rã e o rato, com a morte do rato afogado, chegou até nós em forma de fábula[10]:

> *Quando todos os animais falavam a mesma língua, um rato que se tornara amigo de uma rã convidou-a para um banquete e levou-a a uma despensa muito abastecida, onde havia pão, carne, queijo, azeitonas, passas... e lhe disse: "Come". Depois de ser bem recebida, a rã lhe disse: "Vem também comigo comer, para que eu te acolha bem". Levou-o a um tanque e lhe disse: "Nada". O rato respondeu: "Não sei nadar". E a rã: "Eu te ensinarei". Então, depois de atar com um fio a pata do rato à própria pata, lançou-se ao tanque e arrastou o rato. Prestes a se afogar, o rato disse: "Mesmo morto, farei com que sejas castigada". Enquanto ele dizia isso, a rã, mergulhando, afogou-o. Quando o rato jazia flutuando sobre a água, um corvo o agarrou juntamente com a rã, que continuava amarrada; assim, ao comer o rato, apanhou também a rã. Desse modo o rato castigou a rã.*

Embora o desfecho divirja do tratamento dado ao tema na Batracomiomaquia, há vários elementos comuns: a enumeração de alimentos, a amizade entre a rã e o rato, o banho em consequência do qual o rato se afoga e as palavras de vingança do rato. Todos esses elementos, porém, foram transformados ao receberem tratamento épico, pois o autor, em sua paródia, é obrigado a seguir determinadas diretrizes próprias do gênero, como se verá na seção seguinte.

9 HESÍODO, Trabalhos e Dias, 202-212.

10 Vida de Esopo G, ed. B. E. PERRY, Aesopica, Urbana, 1952, p. 75-76.

3. Paródia da tradição épica

A paródia surge na Batracomiomaquia do contraste violento entre a insignificância do tema - um assunto de fábula - e sua expressão formal, o estilo épico, tradicionalmente usado para narrar as façanhas mais elevadas. Trata-se de um gênero no qual a Batracomiomaquia não constitui exemplo isolado, mas é o exemplo mais bem conservado, pois dos demais representantes não nos restam muito mais que alusões ou fragmentos miseráveis[11]. Entre eles destaca-se, por sua antiguidade e pela importância de sua herança, o Margites, também falsamente atribuído a Homero.

Todos os recursos da épica são parodiados. Em primeiro lugar, o metro, o hexâmetro datílico. Em segundo, o proêmio, com a invocação às Musas e a antecipação do argumento do poema. Em terceiro, a dicção formular, herdada de uma poesia oral que recorria a uma série de segmentos fixos e repetidos de verso, usados pelo aedo como pontos de apoio para facilitar a memorização de longas tiradas. Essa imitação leva também à cópia literal de certas fórmulas e, por conseguinte, ao uso de recursos descritivos formulares como "e ali teria... se não o tivesse percebido...", etc. Em quarto lugar, a paródia incide sobre cenas inteiras, especialmente as chamadas "cenas típicas", sobretudo da Ilíada. É o caso, por exemplo, da cena do armamento do guerreiro, que segue uma ordem fixa: proteção das pernas, couraça, escudo, lança e elmo. Há passagens em que o modelo aparece com absoluta clareza. O encontro entre Rouba-Migalhas e Infla-Bochechas é construído à imitação do encontro entre Diomedes e Glauco na Ilíada[12]. A aparição de Rouba-Pedaços assemelha-se à de Aquiles no canto XVIII da Ilíada. Também da Ilíada se imita a narrativa das batalhas, evitando-se descrições de massas e concentrando-se em sequências breves que narram combates individuais. O poeta da Batracomiomaquia mostra a mesma precisão e variedade de Homero, imitando, como foi dito, suas fórmulas, na descrição das diversas feridas e modos de morrer. Tampouco falta a intervenção divina, embora naturalmente submetida à burla. Essa ironia, ou falta de respeito para com a divindade, possui antecedentes na épica séria: é o caso, por exemplo, do adultério de Afrodite e Ares narrado pelo aedo Demódoco na Odisseia[13]. Por fim, houve quem quisesse ver uma paródia dos esquecimentos de Homero no aparecimento de Lambe-Homens no verso 216, depois de ter morrido no 202, embora isso ocorra em passagem interpolada. Haveria aí uma reminiscência do caso de Pilêmenes, morto e depois reaparecido na Ilíada[14].

Até aqui falamos de paródia de Homero, mas também há, embora em menor número, elementos da tradição hesiódica. Assim, no proêmio invocam-se as Musas do Hélicon, monte da Beócia, estranhas à tradição homérica, na qual as Musas habitam o Olimpo e não formam coros, mas invocadas por Hesíodo no proêmio da Teogonia. Igualmente hesiódica é a menção ao Erídano no verso 20[15].

Por último, na medida em que a épica paródica grega nos é conhecida, podemos detectar alguns elementos próprios do gênero. É o caso da enumeração de alimentos nos versos 35 e seguintes, que encontra paralelos em Mátron, Arquéstrato e outros. Infelizmente, nosso conhecimento deficiente da paródia épica impede-nos de avançar muito nesse sentido.

---

11 Reunidos por P. BRANDT, Corpusculus poesis epicae ludibundae, Leipzig, 1888.

12 Ilíada, VI, 119-236.

13 Odisseia, VIII, 267.

14 Pilêmenes morre em Ilíada, V, 576 e seguintes, e reaparece em XIII, 643.

15 Citado em HESÍODO, Teogonia, 338.

4. Estrutura do poema

A Batracomiomaquia apresenta uma estrutura muito clara, elaborada como está sobre cenas típicas da épica. Depois do proêmio, divide-se em três grandes partes de extensão semelhante: as causas da guerra (9-98), os preparativos para o combate (99-201) e o desenvolvimento e desfecho da batalha (202-303). Essas grandes unidades, por sua vez, articulam-se em unidades menores, que podem ser esquematizadas da seguinte forma:

Proêmio (1-9): invocação e argumento.

1. Primeira parte: as causas da guerra (9-98):
    a) Cena do encontro (9-64).
    b) Passeio pela água e suas consequências (65-98).
2. Segunda parte: os preparativos para o combate (99-201):
    a) Transição em narração rápida (99-109).
    b) Preparativos dos ratos (110-131):
        b1) Discurso de Rói-Pão (110-121).
        b2) Armamento dos ratos (122-131).
    c) Segunda transição, em narração rápida (132-146).
    d) Preparativos das rãs, paralelos a b (147-167):
        d1) Discurso de Infla-Bochechas (147-159).
        d2) Armamento das rãs (160-167).
    e) Passagem ao plano divino: assembleia dos deuses (168-201).
3. Terceira parte: desenvolvimento da batalha (202-303):
    a) Descrições de lutas individuais (202-259).
    b) Proeminência de Rouba-Pedaços (260-267).
    c) Passagem ao plano divino (268-293).
    d) Desfecho: descrição dos caranguejos (294-303).

5. Altos e baixos na apreciação da Batracomiomaquia

O poema que nos ocupa foi afetado, como poucos, pela evolução das modas literárias. Na época bizantina, o pequeno poema gozou de grande êxito, como demonstra o elevado número de manuscritos - cerca de setenta e cinco - que o conservam. Com o advento da imprensa, tornou-se uma das primeiras obras clássicas editadas pelo novo processo. Outra prova do grande prestígio de que desfrutou no Renascimento e nos séculos posteriores é o elevado número de imitações que produziu. A mais antiga é a do alemão Georg Rollenhagen, Froschmeuseler, de 1595. Na Inglaterra, a Batracomiomaquia e o Margites tornaram-se modelos literários para os poetas renascentistas, adaptados a novas intenções satíricas, como foi estudado em detalhe por Broich[16]. Na Itália, destacam-se os Paralipomeni della Batracomiomachia, de Leopardi, também tradutor da obra, publicados postumamente em 1842. Pode-se ainda citar a paródia do húngaro Vitéz, Békaegérhare, datada de 1791. Na Espanha existem algumas amostras do gênero épico-burlesco, por imitação de modelos italianos, em obras como La Mosquea, de Villaviciosa, ou La Gatomaquia, de Lope de Vega; não há, contudo, imitações diretas nem sequer

16 U. BROICH, "Batrachomyomachia und Margites als literarische Vorbilder", Lebende Antike, Berlim, 1967, p. 250-257.

traduções até a de Genaro Alenda, em verso, e a de Segalá, em prosa, publicada em Barcelona em 1927.

Em contraste com o êxito dessa obra e das de seu gênero em épocas passadas, o século XIX e o nosso deixaram-na cair num esquecimento tão extremo quanto injusto. Prova disso é a escassez de bibliografia recente sobre ela.

6. Bibliografia

Edições: ALLEN, Homeri opera, p. 161-183; EVELYN-WHITE, p. 541-563; H. AHLBORN, Pseudo-Homer, Der Froschmäusekrieg, Berlim, 1968 (seguida nesta tradução).

Estudos: A. LUDWICH, Die Homerische Batrachomachie des Karers Pigres, Leipzig, 1896; S. MORENZ, "Ägyptische Tierkriege und die Batrachomyomachie", Festschrift Schweitzer, Stuttgart, 1954, p. 87-94; J. VAN HERWERDEN, "De Batrachomyomachia", Mnemosyne N. S. 10 (1872), 163-174; O. CRUSIUS, "Der Dichter Pigres und seine Genossen", Philologus 54 (1895), 734-744, e "Pigres und die Batrachomyomachie bei Plutarch", Philologus 58 (1899), 577-793; H. AHLBORN, Froschmäusekrieg...; U. BROICH, "Batrachomyomachia und Margites als literarische Vorbilder", Lebende Antike, Berlim, 1967, p. 250-257.

BATRACOMIOMAQUIA

A guerra das rãs e dos ratos

Ao iniciar a primeira página, suplico ao coro do Hélicon [17] que chegue ao meu coração por ocasião do canto que há pouco pus, sobre meus joelhos, em tabuinhas [18]: uma batalha imensa, façanha do tumulto guerreiro de Ares!

Desejo levar aos ouvidos de todos os mortais como os ratos avançaram, mostrando sua superioridade no combate contra as rãs, rivais das façanhas dos Gigantes, guerreiros nascidos da terra, segundo a tradição dos mortais. Tal foi o princípio de tudo:

Certo dia, um rato sedento, depois de escapar do perigo de uma doninha, aproximou de um tanque o focinho ávido e saciou-se de uma água doce como o mel. Viu-o um loquaz amigo dos charcos e lhe dirigiu estas palavras:

- Estrangeiro, quem és? De onde chegaste a estas margens? Quem te gerou? Dize-me toda a verdade, para que eu não perceba que mentes. Pois, se eu te reconhecer como amigo digno, levar-te-ei à minha casa e te darei como presente muitos e excelentes dons de hospitalidade. Eu sou o rei Infla-Bochechas, honrado diariamente no tanque como chefe das rãs.

Criou-me meu pai Lodoso [19], depois de se unir por amor à Rainha-d'Água junto às margens do Erídano. E vejo que tu, belo e notavelmente robusto entre os demais, és um rei portador de cetro e campeão nas batalhas. Vamos, conta-me depressa tua linhagem.

Rouba-Migalhas, por sua vez, respondeu: - Por que me perguntas minha linhagem? Ela é conhecida por todos os homens, pelos deuses e pelas aves do céu. Chamam-me Rouba-Migalhas; sou filho de Rói-Pão, pai magnânimo. Minha mãe é Lambe-Moinhos, filha do rei Rói-Presunto.

Ela me deu à luz numa caverna e me ocultou entre figos, nozes e alimentos de toda espécie para me nutrir. Como poderias considerar-me teu amigo, se por natureza em nada me assemelho a ti? Teu sustento está nas águas; eu, porém, costumo roer tudo o que existe junto aos homens.

Não me escapa o pão amassado três vezes de um cesto bem arredondado, nem a torta de leve manto, cheia de queijo e gergelim, nem a fatia de presunto, nem os fígados de túnica branca, nem o queijo recém-coalhado de leite doce, nem a nobre torta de mel, que até os Bem-aventurados desejam,

nem todas as coisas que os cozinheiros preparam para os banquetes dos mortais, adornando as panelas com condimentos de toda espécie. [Jamais fujo ao grito funesto da guerra; avanço diretamente entre o fragor e me misturo aos combatentes da linha de frente.

Não temo o homem, embora seja dotado de corpo enorme; vou até seu leito e mordo a ponta de seu dedo. Também lhe agarro o pé, mas nenhum sofrimento sobrevém ao homem, e o doce sono não o abandona enquanto eu o mordo.

Há, porém, duas coisas extraordinariamente temíveis sobre toda a terra: o açor e a doninha,

17 Sobre as diferenças entre a concepção hesiódica das Musas do Hélicon e a concepção homérica, ver Introdução, seção 3.

18 Observe-se que, apesar da fraseologia formular, trata-se de um poema escrito, não oral. Ver G. S. KIRK, "Formular language and oral quality", Yale Class. Stud. 20 (1966), 153 e seguintes.

19 O nome grego é Peleús, que coincide com o nome do pai de Aquiles. Aqui há um jogo de palavras devido à semelhança com pelós, "lama". Por isso o nome foi traduzido, assim como os demais nomes falantes do poema.

que me causam grande aflição, além da lamentável ratoeira, onde se esconde uma morte traiçoeira. Mas acima de tudo temo a doninha, que é a mais valente: mesmo quando me enfio no buraco, ela me procura dentro dele.]

Não como rabanetes, nem repolhos, nem abóboras; não me alimento de alhos-porós verdes nem de aipos, pois esses são os vossos alimentos, os dos habitantes do tanque [20].

Sorrindo, Infla-Bochechas lhe respondeu: - Estrangeiro, vanglorias-te demais por causa de teu ventre. Nós também temos muitas maravilhas para ver no tanque e em terra, pois o filho de Crono concedeu às rãs uma dupla maneira de viver: saltar pela terra e esconder o corpo nas águas [e habitar moradas que participam de ambos os elementos].

Se também queres conhecer isso, é simples. Sobe em minhas costas e agarra-te bem a mim, para não escorregares, e chegarás contente à minha morada. Assim disse e lhe ofereceu as costas. O rato subiu muito depressa, segurando com as mãos o delicado pescoço numa suave presa.

No começo, divertia-se ao olhar para os portos próximos, encantado com o nado de Infla-Bochechas; mas, quando este mergulhava nas ondas agitadas, ele derramava copioso pranto, amaldiçoava seu tardio arrependimento, arrancava os cabelos e apertava os pés contra o ventre.

O coração lhe palpitava por falta de costume, e ele desejava voltar à terra. Gritava desmedidamente, sob a força do gélido terror. A cauda foi a primeira coisa com que agitou a água, sacudindo-a como um remo. Enquanto suplicava aos deuses que o fizessem chegar à terra, afundava-se nas águas purpúreas e lançava muitos gritos de socorro.

Pronunciou então estas palavras: - Não foi assim que o touro transportou sobre o lombo sua carga amorosa, quando conduziu Europa através das ondas até Creta. Não como esta rã leva para sua morada este rato simplesmente lançado às costas, enquanto ergue o corpo pálido sobre a água esbranquiçada.

De repente apareceu um icnêumone, visão amarga para ambos. Ele mantinha o pescoço erguido sobre a água. Ao vê-lo, Infla-Bochechas mergulhou, sem pensar que espécie de companheiro abandonaria à morte. Desceu ao fundo do tanque e escapou da negra morte; o rato, porém, ao soltar-se, caiu imediatamente de costas na água.

Apertava as mãos e gritava, prestes a morrer. Muitas vezes afundou e muitas vezes voltou à tona, esperneando. Mas já não podia escapar ao destino. Encharcados, os pelos pesavam ainda mais sobre ele. Enquanto perecia nas águas, pronunciou estas palavras:

- Não escaparás, Infla-Bochechas, depois de agir com tamanha falsidade! Tu me lançaste de teu corpo como se eu fosse um náufrago precipitado de um rochedo. Em terra não terias levado vantagem sobre mim, covarde, nem no pancrácio, nem na luta, nem na corrida. Mas, enganando-me, lançaste-me à água. A divindade possui um olho vingador [que te fará sofrer castigo e justa vingança. Pagarás a pena e não escaparás à hoste dos ratos].

Dito isso, expirou nas águas. Mas Lambe-Pratos, sentado nas margens suaves, o viu [e partiu como o mais veloz mensageiro da desgraça para os ratos]. Soltou um grito terrível e correu para anunciar o ocorrido.

Quando conheceram a desgraça, uma cólera violenta penetrou em todos. Então encarregaram os arautos de convocar, ao nascer do dia, uma assembleia na morada de Rói-Pão, pai do

20 Note-se a diferença entre a enumeração dos alimentos do rato, bem conhecidos por serem alimentos humanos, e a escassa noção de Rouba-Migalhas sobre a alimentação das rãs. Essa ignorância do autor afeta também, como se verá, os nomes próprios dos campeões do exército dos batráquios.

infeliz Rouba-Migalhas, cujo cadáver flutuava de costas no tanque. O desventurado já não estava perto das margens, mas boiava no centro das águas.

Quando chegaram depressa ao amanhecer, Rói-Pão levantou-se primeiro, enfurecido pela morte do filho, e pronunciou este discurso: - Amigos, embora eu seja o único a sofrer muitos males por obra das rãs, a funesta provação diz respeito a todos nós. Sou desgraçado, pois perdi três filhos.

O primeiro foi morto pela odiosa doninha, que o agarrou fora de seu buraco. O segundo foi arrastado à morte por homens impiedosos, que inventaram, com artes novas, uma armadilha de madeira [chamada ratoeira, perdição dos ratos].

O terceiro era muito querido por mim e por sua amorosa mãe. Infla-Bochechas o afogou, depois de levá-lo ao fundo. Vamos, portanto: armai-vos e marchemos contra elas, [depois de adornar o corpo com equipamentos artisticamente trabalhados].

Dito isso, convenceu todos a se armarem [e Ares, que cuida do combate, fornecia-lhes as armas]. Primeiro calçaram grevas nas duas pernas, depois de rasgar e trabalhar com arte favas verdes, que eles próprios haviam roído ao se aproximarem delas durante a noite. Tinham couraças de peles costuradas com talos, confeccionadas com grande habilidade depois de esfolar uma doninha.

O escudo era o disco central de uma lamparina; a lança, uma agulha de grande comprimento, obra inteiramente brônzea de Ares; e o elmo sobre as têmporas, a casca de um grão-de-bico. Assim estavam armados os ratos.

Quando as rãs perceberam, saíram da água e, reunindo-se num lugar, deliberaram sobre a funesta guerra. Enquanto perguntavam a causa da revolta e daquele tumulto, aproximou-se um arauto com o cetro nas mãos: Chuta-Panelas, filho do magnânimo Cinzela-Queijo, trazendo a funesta notícia da guerra.

E disse: - Rãs, os ratos me enviaram, depois de vos ameaçarem, para dizer que vos armeis para a guerra e o combate. Pois viram sobre a água Rouba-Migalhas, morto por vosso rei Infla-Bochechas. Combatei, portanto, vós que entre as rãs vos tornastes os mais valentes.

Dito isso, informou-as. Seu discurso irrepreensível, ao chegar aos ouvidos das rãs arrogantes, perturbou-lhes o espírito. Diante das censuras, Infla-Bochechas levantou-se e disse:

- Amigos, eu não matei o rato, nem sequer o vi morrer. Certamente se afogou quando brincava junto ao tanque, tentando imitar o nado das rãs. E agora esses miseráveis me acusam, embora eu seja inocente. Vamos, deliberemos sobre como aniquilar os ratos enganosos.

Direi, portanto, o que me parece melhor. Cubramos nossos corpos com equipamentos e disponhamo-nos todos armados ao longo das altas margens, onde o lugar seja escarpado. Quando avançarem contra nós, agarremos pelo elmo cada um que venha de frente e lancemo-los imediatamente no tanque.

Assim, depois de afogá-los, incapazes que são de nadar, ergueremos aqui, cheios de coragem, o troféu mata-ratos. Dito isso, convenceu todos a se armarem. Envolveram as canelas com folhas de malva; suas couraças eram de belas acelgas verdes; prepararam artisticamente folhas de couve como escudos.

A cada uma foi dado como lança um longo junco pontiagudo, e conchas de pequenos caracóis cobriam-lhes a cabeça. Agrupadas, dispuseram-se sobre as margens elevadas, agitando as lanças, e cada uma se encheu de ardor.

Zeus convocou os deuses no céu estrelado e lhes mostrou a multidão da guerra e os valentes

combatentes, numerosos e poderosos, que levavam longas lanças [e como a hoste das rãs bramia como a dos Gigantes, enquanto os ratos se assemelhavam aos soberbos Centauros], tal como avança um exército de Centauros ou Gigantes.

Sorrindo benevolentemente, perguntou-lhes: - Quem de vós será protetor das rãs e quem dos ratos aflitos? E dirigiu-se a Atena: - Filha, oferecer-te-ás como auxiliadora dos ratos? Eles vivem saltando por teu templo, deleitando-se com a gordura queimada e com iguarias de toda espécie.

Assim falou o filho de Crono. Atena respondeu: - Pai, jamais iria como protetora dos ratos, por mais aflitos que estejam, pois me causaram muitos danos, estragando as faixas sagradas e as lâmpadas por causa do azeite. Mas uma coisa que fizeram foi o que mais me feriu o espírito:

roeram um peplo que eu havia tecido com grande esforço, de trama delicada e longa urdidura, e o encheram de buracos. O remendador me pressiona [e muito me importuna; por isso estou irritada] e cobra juros. Isso é o mais penoso até para os Imortais. Com efeito, fiei com material emprestado e não posso devolvê-lo.

Ainda assim, não quero defender as rãs, pois não estão em perfeito juízo. Há pouco, ao regressar de um combate, extremamente cansada e com falta de sono, elas não me deixaram dormir nem por um instante com o barulho que faziam. Fiquei deitada, desperta, com dor de cabeça, até o galo cantar.

Vamos, portanto: nós, deuses, deixemos de protegê-las, para que nenhum de vós seja atravessado por um dardo agudo [ou ferido no corpo por lança ou espada], pois são combatentes corpo a corpo, mesmo que um deus as enfrente. Desfrutemos todos, do céu, contemplando a luta.

Assim falou, e os outros deuses lhe obedeceram; todos se dirigiram juntos ao mesmo lugar. [Chegaram os arautos, portadores do prodígio do combate.] Então os mosquitos, munidos de grandes trombetas, emitiram um terrível toque, clamor de guerra. Do céu, Zeus, filho de Crono, trovejou como presságio do funesto combate.

O primeiro a golpear foi Gritador: com a lança feriu Lambe-Homens, que estava entre os combatentes da vanguarda, no ventre, bem no centro do fígado. Ele caiu de bruços e encheu de pó a tenra pelagem. [Caiu com ruído surdo, e suas armas ressoaram sobre ele com estrépito.]

Depois disso, Escava-Tocas atingiu Pantanoso e lhe cravou no peito a pesada lança. Ao cair, a negra morte apoderou-se dele e sua alma voou para fora do corpo. Acelgoso matou Chuta-Panelas, ferindo-o no coração. [Come-Pão feriu Muitas-Vozes no ventre. Ele caiu de bruços no chão, e sua alma escapou voando dos membros.

Charco-Alegre, ao ver Muitas-Vozes perecer, antecipou-se e atingiu Cavernícola na nuca delicada com uma pedra semelhante a uma mó. A escuridão cobriu-lhe os olhos. Escava-Tocas matou o nobre Coaxa-Coaxa, lançando-se sobre ele. A aflição apoderou-se do filho de Manjericão, que disparou contra ele seu junco agudo. Mas Escava-Tocas arrancou a lança.

Atiraram-se sobre ele... e ele não tornou a retirar a lança. Quando Lambe-Homens [21] percebeu, apontou-lhe a lança reluzente, lançou-a e não errou o fígado. Quando viu Come-Costas fugir, arremessou-se pelas margens escarpadas; nem nas águas desistiu, mas se precipitou sobre ele.

Come-Costas caiu e não voltou à superfície. O tanque tingiu-se com seu sangue purpúreo, e

21 Sobre o reaparecimento de Lambe-Homens, apesar de ter morrido alguns versos antes, ver Introdução, seção 3.

ele ficou estendido na margem, lançando pelas ilhargas os intestinos brilhantes.] Fez presa em Come-Queijo nas próprias margens. Ao ver Cinzela-Presuntos, Mentoso fugiu e lançou-se ao tanque, abandonando o escudo durante a fuga.

O irrepreensível Jaz-na-Lama matou Pesa-Uma-Libra. [Goza-a-Água matou o soberano Come-Presunto], atingindo-lhe o alto da cabeça com um rochedo. O cérebro escorreu pelas narinas e a terra foi aspergida de sangue. Lambe-Pratos matou o irrepreensível Jaz-na-Lama, lança em riste; a escuridão cobriu-lhe os olhos.

Alho-Poró, ao vê-lo, arrastou o homicida por um pé e o afogou no tanque, depois de agarrar-lhe o tendão com a mão. Rouba-Migalhas vingou o companheiro morto e atingiu Alho-Poró no baixo ventre, bem no centro do fígado. Ele tombou a seus pés e sua alma partiu para o Hades.

Pisa-Couves, ao vê-lo, lançou-lhe uma bola de barro, cobriu-lhe a testa e quase o cegou. Naturalmente enfurecido, Rouba-Migalhas tomou na poderosa mão uma pedra enorme, peso da terra, que jazia no chão, e com ela atingiu Pisa-Couves abaixo dos joelhos. Toda a tíbia direita se quebrou, e ele caiu de costas no pó.

O filho de Coaxador vingou-o; avançou imediatamente contra Rouba-Migalhas e o golpeou no meio do ventre. O junco agudo penetrou-lhe inteiro, e todas as entranhas se espalharam no chão quando a poderosa mão retirou a lança. [Cavernícola, ao vê-lo nas margens do rio - ele se retirava mancando do combate e sofria terrivelmente -, lançou-se numa vala para fugir rumo à destruição abissal].

Rói-Pão feriu Infla-Bochechas na ponta do pé. Este finalmente emergiu do tanque e sofria terrivelmente. Quando Alho-Poró o viu caído e quase sem vida [precipitou-se de novo sobre ele, desejando matá-lo], chegou por entre os combatentes da vanguarda e o alvejou com seu junco agudo.

Mas não conseguiu atravessar-lhe o escudo: nele ficou a ponta da lança. O elmo irrepreensível não foi atingido. Então apareceu o divino Oreganeiro, enorme como quatro panelas, rival do próprio Ares e único entre as rãs a destacar-se da massa. Precipitou-se sobre o adversário, e este, ao vê-lo, não ousou resistir.

Come-Pão e o irrepreensível Cinzela-Presuntos vieram defendê-lo, e a rã não ousou enfrentar os vigorosos heróis, mas mergulhou nas profundezas do lago. Havia entre os ratos um certo Rouba-Pedaços, muito superior aos demais, filho amado do irrepreensível Roedorão, espreitador do pão; [o soberano Rouba-Pedaços, rival do próprio Ares e único entre os ratos a destacar-se da massa].

Roedorão foi à sua morada e exortou o filho a participar do combate; depois ficou postado, orgulhoso, junto ao tanque [e gabava-se de que exterminaria a raça das rãs lanceiras]. Rouba-Pedaços ameaçava aniquilar a estirpe das rãs. [Postou-se desejoso de combater de perto com todas as forças] e, depois de partir ao meio a casca de uma noz, usou as duas metades como armadura, metendo as mãos nos dois vazios.

Todas correram rapidamente, aterrorizadas, para o tanque. E ele teria acabado com elas, pois grande era sua força, se o pai dos homens e dos deuses não o tivesse percebido com agudeza. Então o filho de Crono compadeceu-se das rãs que pereciam e, movendo a cabeça, disse estas palavras:

- Ah! Grande prodígio é este que meus olhos veem. Não são poucos os golpes de Rouba-Pedaços, que no tanque se tornou saqueador entre as rãs. Enviemos depressa Palas do tumulto guerreiro ou Ares, para que o afastem do combate, por mais valente que seja.

Assim falou o filho de Crono, e Ares respondeu: - Nem a força de Atena nem a de Ares é

suficiente, filho de Crono, para afastar das rãs a destruição abissal. Vamos todos em sua defesa, ou então põe em movimento tua arma [violenta, matadora de Titãs, com a qual mataste os Titãs, de longe os mais valentes. Põe-na em movimento], pois assim até o mais corajoso será dominado,

do mesmo modo como outrora mataste Capaneu, homem poderoso, o grande Encélado e as selvagens estirpes dos Gigantes. Assim falou. O filho de Crono tomou o raio resplandecente; primeiro trovejou e fez estremecer o elevado Olimpo.

Depois, fazendo girar [o raio, terrível arma de Zeus], lançou-o. Ele voou de sua mão soberana e, ao cair, aterrorizou a todos, inclusive os ratos. Mas nem assim a hoste dos ratos desistiu; ao contrário, desejava ainda mais destruir a estirpe das rãs lanceiras. E logo as teriam vencido desastrosamente na luta se, do Olimpo, o filho de Crono não tivesse se compadecido das rãs e enviado imediatamente defensores às que pereciam.

De repente chegaram: de costas encouraçadas, bocas tortas, andar oblíquo, corpo retorcido, pinças na boca, pele semelhante a um caco, consistência óssea, dorso largo, ombros reluzentes, pernas arqueadas, lábios estendidos, olhos voltados para o peito, oito patas, duas cabeças e sem mãos.

Chamavam-se caranguejos. Com as bocas cortavam as caudas dos ratos, seus pés e suas mãos. As lanças se dobravam. Diante deles, os ratos covardes se apavoraram e não resistiram ao ataque, mas fugiram. Então o sol se pôs, e esse foi o fim da batalha, concluída num único dia.

Fim